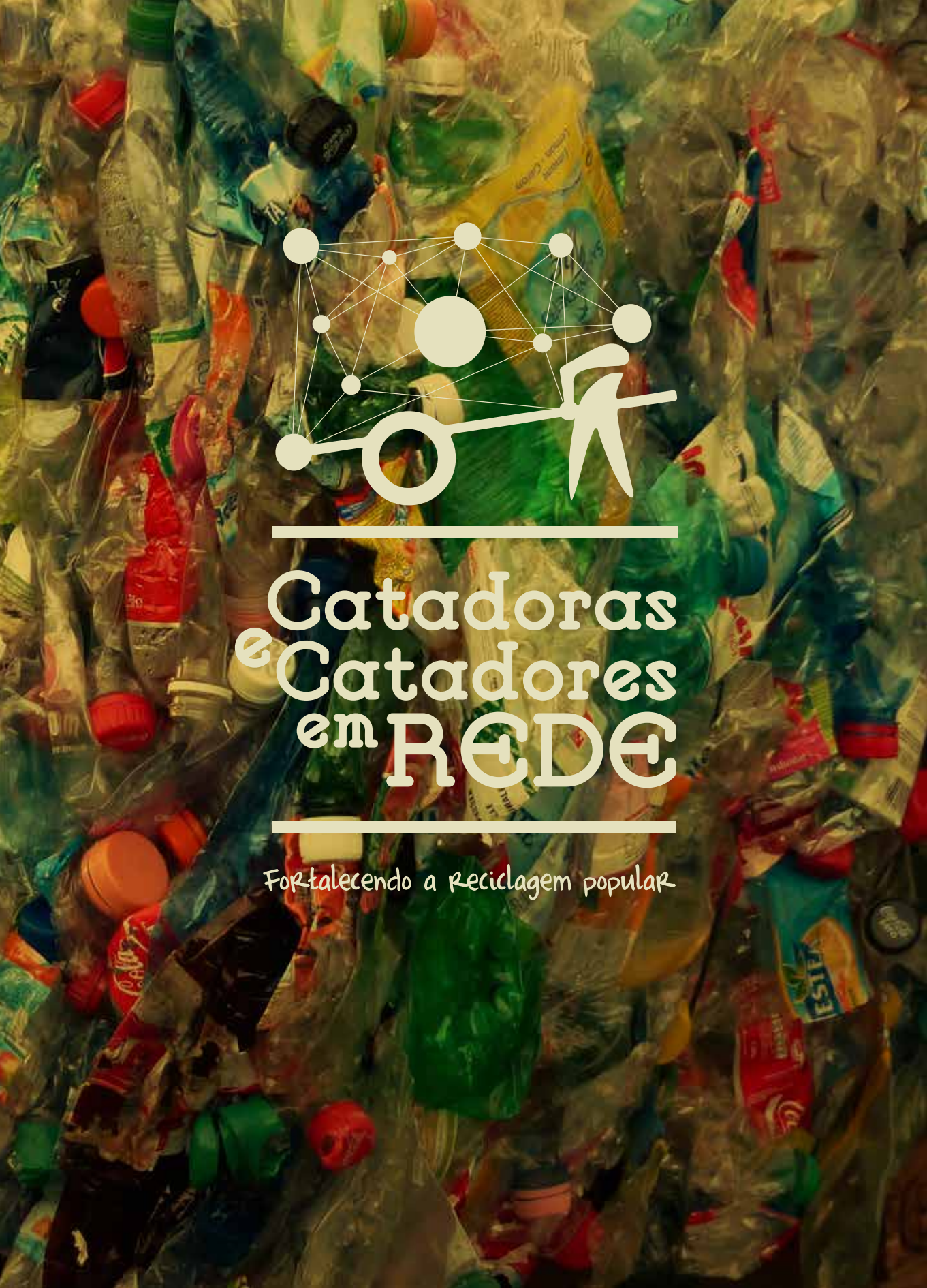
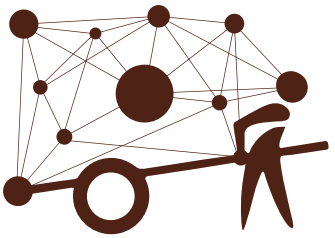


Catadoras e Catadores em REDE

Fortalecendo a Reciclagem popular



Catadoras e Catadores em REDE

Fortalecendo a Reciclagem popular

Catadoras e Catadores em Rede – Fortalecendo a Reciclagem Popular | 2016

Organização

Marluí Tellier, coordenadora do projeto Catadoras
e Catadores em Rede – Fortalecendo a Reciclagem Popular / FLD
Angelique van Zeeland, assessora programática / FLD

Colaboração

Equipe do projeto

Redação

Angelique van Zeeland
Mônica Patrícia Ferreira

Revisão

Cassiano Ricardo Haag
Susanne Buchweitz

Fotos

Cristiano Sant'Anna

Projeto gráfico

Cristina Pozzobon

O projeto Catadoras e Catadores em Rede foi executado pela Fundação Luterana de Diaconia (FLD), em parceria com o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) e com patrocínio do Programa Petrobras Socioambiental.

Fundação Luterana de Diaconia
Rua Dr. Flores, 62/901 | Porto Alegre – RS | 90020-120
+55-51-3225.9066
www.fld.com.br

Sumário

Apresentação	9
Petrobras	11
Diagnóstico	15
Rede Catapampa	21
Rede Solidária Fronteira Oeste	31
Rede Catapoa	41
Rede Coleta Solidária	51

Apresentação

Celebramos, com esta publicação, os resultados do trabalho realizado no Rio Grande do Sul, por meio do projeto Catadoras e Catadores em Rede – Fortalecendo a Reciclagem Popular. Durante dois anos, em parceria com o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) e patrocínio do Programa Petrobras Socioambiental, foram promovidas inúmeras ações, entre as quais o cadastro de 810 catadoras e catadores, em 37 municípios do estado do Rio Grande do Sul, e o diagnóstico da situação socioeconômica de 36 cooperativas e associações.

Mais de 200 catadoras e catadores participaram de formações; 567 pessoas participaram de quatro encontros, em diferentes municípios. Foram entregues carrinhos motorizados, balanças, equipamentos de proteção individual (EPIs) e placas de identificação para os empreendimentos.

Destacamos a instalação da Unidade de Beneficiamento de Polímeros, junto a Rede Coleta Solidária do Vale do Gravataí. A unidade vai permitir a comercialização direta para a indústria, aumentando a renda das cooperadas e dos cooperados.

A criação e o fortalecimento de redes é ação estratégica para garantir a cooperativas e associações sua existência e para ampliar sua atuação. O projeto deu visibilidade a catadoras e catadores, e mudou e continua mudando suas vidas e as vidas de suas famílias. A inclusão desse segmento é tarefa do Poder Público, junto com a sociedade, com resultados não apenas sociais, mas ambientais, culturais e econômicos.

Coca-Cola

Produção inclusiva e sustentável

Nós, da Petrobras, temos como parte de nossa missão atuar na indústria de petróleo e gás de forma ética, segura e rentável, com responsabilidade social e ambiental. É nesta ótica que buscamos contribuir através do investimento em projetos socioambientais como o Projeto Catadoras e Catadores em Rede, realizado pela Fundação Luterana de Diaconia com o patrocínio do Programa Petrobras Socioambiental.

Uma das linhas de atuação nas quais investimos é a de produção inclusiva e sustentável para populações em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Os investimentos em projetos de inclusão socioeconômica de catadores de material reciclável têm como objetivo a sustentabilidade das instituições de catadores, através de mobilização, organização social, capacitação, investimento em infraestrutura e tecnologia, articulação em redes de comercialização e formação de parcerias.

Ao propor a criação de uma rede que une a coleta seletiva solidária, postos de comercialização de materiais recicláveis, formação técnica e intercâmbio de experiências, buscando qualificar o trabalho dos catadores em 37 municípios gaúchos, o Projeto Catadores em Rede insere-se nesta linha de atuação e foi um dos 6 projetos de catadores aprovados em Seleção Pública nacional, sendo parceiro da Petrobras desde 2012.

O apoio à interação entre os agentes sociais, públicos e privados, para a formação de parcerias e alianças, troca de experiências, produção de conhecimento e formulação e de-

bate sobre políticas públicas é outro tipo de ação relacionada ao Programa Petrobras Socioambiental que envolve os catadores no que tange ao fortalecimento de redes e organizações sociais. Desta forma, buscamos a sinergia destes projetos com políticas públicas de apoio aos catadores e ao aproveitamento sustentável dos resíduos sólidos.

É através do incentivo a iniciativas como o Projeto Catadoras e Catadores em Rede que buscamos cumprir o nosso compromisso de contribuir para o desenvolvimento local, regional e nacional gerando a inserção social, digna e produtiva, de pessoas e grupos em situação de risco social, promovendo o desenvolvimento de um Brasil mais justo e igualitário.

plastimax

A participação de catadoras e catadores em fóruns e conselhos é importante para a reivindicação de direitos e o fortalecimento dos processos democráticos

Desafios e conquistas

Uma das principais características do trabalho desenvolvido por catadoras e catadores organizados em associações e cooperativas autogestionárias é o controle da cadeia produtiva de reciclagem e sua articulação em rede. Em 2014 e 2015, a Fundação Luterana de Diaconia (FLD), por meio do projeto Catadoras e Catadores em Rede, realizou um diagnóstico junto a 36 associações e cooperativas de catadoras e catadores de materiais recicláveis do Rio Grande do Sul, vinculadas ao Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis.

Com o diagnóstico, identificou-se como principais desafios para estas organizações o aperfeiçoamento da autogestão, a superação dos entraves para a contratação de cooperativas e associações de catadoras e catadores pelo poder público e a remuneração justa pela prestação de serviços.

Ainda, como elementos para a consolidação foram identificados os avanços das organizações de catadoras e catadores de materiais recicláveis na área de participação em espaços de incidência política, na articulação e comercialização em rede, na realização da coleta seletiva solidária e na prestação de serviços para a gestão de resíduos sólidos urbanos através de contratos com as prefeituras.

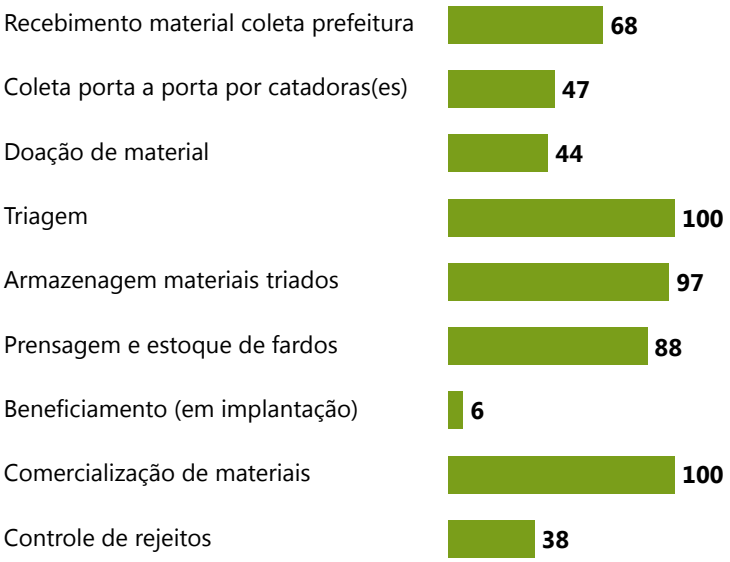
Do total dos empreendimentos pesquisados, 35% têm até cinco anos de existência, 13% têm de entre cinco a 10 anos e 52% das organizações existem há mais de 10 anos. Sessenta e oito por cento recebem materiais provenientes da coleta realizada pelas prefeituras, 47% realizam coleta porta a porta e 44% recebem doações de materiais de empresas, organizações sociais ou governamentais.

Em termos de comercialização, 89% ainda vendem para atravessadores, 11% comercializam diretamente com a indústria e 42% comercializam em rede. O trabalho em rede, que é considerado uma conquista por catadoras e catadores, tem avançado nos últimos anos. No início do projeto Catadoras e Catadores em Rede,

existiam apenas duas: a Coleta Solidária e a Catapampa; em meados de 2014, foi criada a Catapoa e em 2015 iniciaram-se as articulações para a criação da Rede Solidária Fronteira Oeste, que está em formação.

As organizações estão avançando no controle da cadeia produtiva de reciclagem e estão atuando em quase todas as etapas. Quarenta e sete por cento das organizações realizam a coleta seletiva solidária com catadoras e catadores de rua, porém nem todas têm contrato com as prefeituras. A coleta seletiva solidária, realizada pelas associações e cooperativas é uma das principais reivindicações do MNCR.

Etapas realizadas por organizações de catadoras e catadores no RS | 2014-2015



Fonte: FLD e MNCR

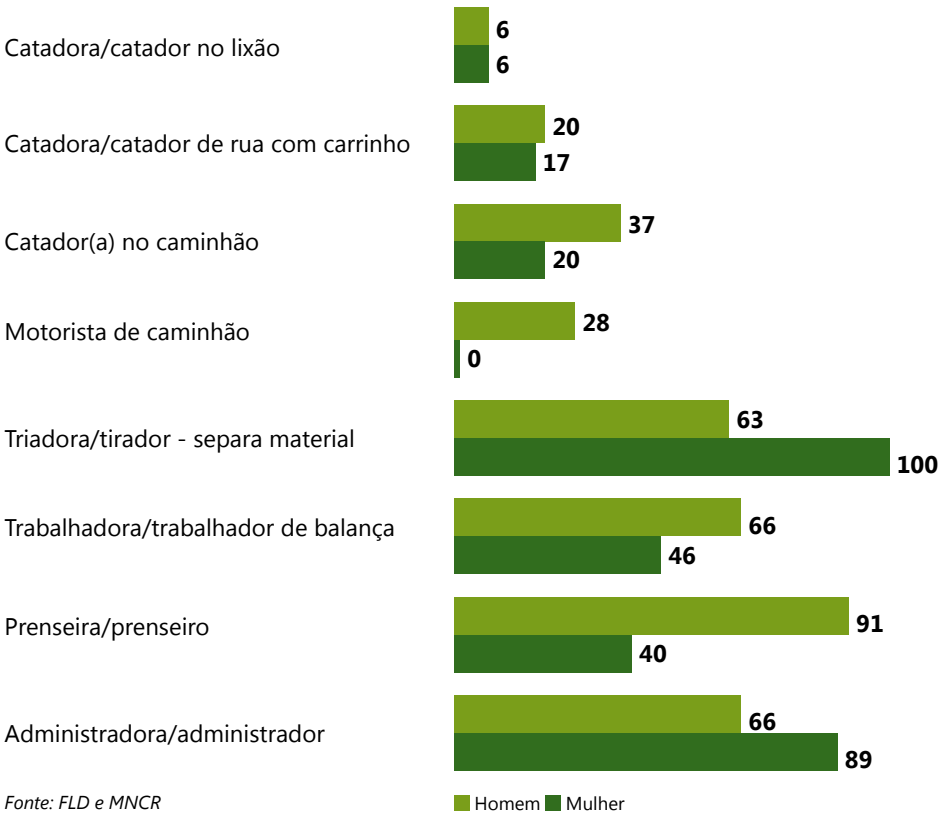
As organizações de catadoras e catadores mencionaram como principais conquistas a geração de renda, a integração do grupo, a autogestão, a comercialização em rede, a melhoria da infraestrutura e equipamentos e filhas e filhos na escola.

Principais conquistas das organizações de catadoras e catadores no RS | 2014-2015

Fonte: FLD e MNCR

Outro dado que chama atenção é que nos empreendimentos há uma predominância de mulheres (59%). Embora se constate que essas executam quase todas as funções, percebe-se uma diferenciação nas ocupações funcionais por gênero: a triagem é realizada pelas mulheres, com menor participação dos homens, e em 89% das organizações há mulheres atuando na administração. As ocupações que se destacam pela atuação dos homens são o trabalho na balança, na prensa e na coleta na rua, principalmente com caminhão.

Ocupações funcionais por gênero nas organizações de catadoras e catadores no RS | 2014-2015



Fonte: FLD e MNCR

A participação das catadoras e dos catadores em fóruns e conselhos é importante para a reivindicação de direitos, o fortalecimento dos processos democráticos e a incidência em políticas públicas. A participação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) no processo de elaboração e aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) garantiu a prioridade na implantação da coleta seletiva com a participação de cooperativas e associações de catadoras/es de materiais recicláveis.

A maioria das organizações, 75%, participa em fóruns, 67% participam em fóruns de catadoras e catadores e de apoio à coleta seletiva solidária e 20% participam em fóruns de economia solidária. Cinquenta por cento das organizações atuam em conselhos de direitos, principalmente do meio ambiente (80%). Outros espaços de participação são o Orçamento Participativo e conferências do meio ambiente e da economia solidária. A participação das organizações é importante para garantir a inclusão socioeconômica de catadoras e catadores.

Além de agregar valor ao material comercializado, as redes possibilitam independência e fortalecimento dos empreendimentos ligados à reciclagem

Rede Catapampa

Tendo como objetivos a comercialização coletiva de materiais recicláveis, o aumento da renda e a valorização da categoria, catadoras e catadores dos Vales do Rio Pardo e Taquari se mobilizaram, formando, em 12 de dezembro de 2012, a Rede Catapampa. Além de agregar valor ao material comercializado pelas cooperativas e associações, a Rede possibilita independência e fortalecimento dos empreendimentos ligados à reciclagem.

"A comercialização em rede elimina atravessadores e todas e todos ganham com isso", disse Vera Lúcia Flores da Rosa, coordenadora-geral da Cooperativa de Catadores e Recicladores de Santa Cruz do Sul (COOMCAT). Luciano da Silva, coordenador da Cooperativa Mista de Coleta e Reciclagem de Materiais Reaproveitáveis e Educação Ambiental de Encruzilhada do Sul (COOMCREAL), confirma: "a comercialização em rede, diretamente para grandes compradores e indústrias nos ajuda muito; já estamos vendo a diferença".

A Catapampa é formada pelos seguintes empreendimentos: a Cooperativa de Catadores e Recicladores Santa Cruz do Sul (COOMCAT), de Santa Cruz do Sul; Cooperativa Mista de Coleta e Reciclagem (COOMCREAL), de Encruzilhada do Sul; Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Rio Pardo (COCAMARP), de Rio Pardo; Associação Comunitária dos Trabalhadores na seleção do lixo de Vera Cruz (ACOTRALI), em Vera Cruz; Cooperativa Solidária de Recicladores em Defesa do Meio Ambiente (COCARI), de Cachoeira do Sul; e mais recente, Passo do Sobrado.

COOMCAT

A Cooperativa de Catadores e Recicladores de Santa Cruz do Sul (COOMCAT) conta com 62 cooperadas e cooperados e está localizada em Santa Cruz

do Sul (RS). O município, com mais de 100 mil habitantes, é um grande pólo industrial, produzindo uma significativa quantidade de resíduos recicláveis. Foi percebendo essa oportunidade que um grupo de catadoras e catadores decidiu formar uma associação, que, mais tarde, transformou-se em cooperativa. Desta forma, pôde firmar com a Prefeitura um contrato de coleta seletiva e, desde 2012, todo o resíduo recolhido no município é enviado para a cooperativa.

Como em muitos outros casos, o início não foi fácil. A prefeitura, inicialmente, alugou um galpão pelo prazo de dois anos, no bairro de Faxinal Velho, onde os trabalhos foram iniciados. Porém, com o vencimento do contrato, em 2010, catadoras e catadores precisaram deixar o local. Essa situação obrigou o grupo a ocupar outros espaços, buscando melhores condições de trabalho e a valorização da categoria.

Atualmente, as atividades são realizadas em dois pontos: no entreposto, localizado no centro, e na usina de reciclagem, que fica na periferia da cidade. O entreposto recebe resíduos recicláveis de nove bairros. O material é recolhido pelas catadoras e pelos catadores com carrinhos, em seis roteiros diferentes, sendo depois selecionado e prensado. Quando os fardos estão prontos, as cargas são fechadas e estocadas em boxes no grande galpão da Catapampa, junto com o material de outras cooperativas ligadas à rede, de onde são transportadas até os compradores.

Um dos pontos que contam para o sucesso da coleta seletiva é a conscientização sobre a importância da separação dos materiais: "se o material estiver sujo, não tem como reaproveitar; não conseguimos vender. É melhor qualidade do que quantidade", afirma a coordenadora-geral da COOMCAT, Vera Lúcia Flores da Rosa.

A partir dessa conscientização, na qual catadoras e catadores desempenham um papel estratégico, empresas firmam contratos com a cooperativa para destinar os seus resíduos sólidos. O mesmo acontece com as escolas. Atualmente, existem contratos com a Prefeitura de Santa Cruz do Sul, com a Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e com empresas de onde o material já vem separado e pesado.

Em dezembro de 2014, o Programa de Coleta Seletiva Solidária de Santa Cruz do Sul recebeu o Prêmio Cidade Pró-Catador. Esse prêmio foi instituído pelo Governo Federal em parceria com o MNCR, para reconhecer boas práticas de inclusão social e econômica de catadoras e catadores de materiais recicláveis. "Sem dúvida, o prêmio foi um reconhecimento valioso e serve de incentivo para todas e todos a continuar na atividade".

COOMCREAL

A Rede Catapampa também conta com a Cooperativa Mista de Coleta e Reciclagem de Materiais Reaproveitáveis e Educação Ambiental (COOMCREAL), localizada na cidade de Encruzilhada do Sul (RS). O município, com apenas 24 mil habitantes, não possui indústrias nem grandes empresas, e todo o material reciclado vem do comércio local.

A cooperativa, que se orgulha de garantir trabalho, renda e preservação do meio ambiente através da educação ambiental, possui dois galpões, um antigo e um novo, onde funcionam também um brechó e uma biblioteca solidária.

Em 2007, a COOMCREAL foi selecionada junto a outros 43 projetos no país para receber recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES), com a finalidade de investir em projetos de cooperativas de catadoras e catadores. Após visita dos técnicos do BNDES e reuniões com o Executivo Municipal e também com vereadoras e vereadores, foi acertada a implantação de uma política de coleta seletiva no município, com prioridade à COOMCREAL para a prestação do serviço. Os recursos permitiram a construção de um novo galpão, com aproximadamente 500 m², que está localizado em um terreno do município, sobre o qual a cooperativa tem direito de concessão por 20 anos e licença ambiental.

Atualmente, a COOMCREAL possui 20 cooperadas e cooperados. Oito trabalham no prédio antigo, onde estão uma esteira, duas prensas e baias de madeira e o material separado é armazenado. O restante das cooperadas e dos cooperados trabalha no novo prédio, onde está o trator de coleta, outras prensas, o moedor de

COOMCREAL

vidro e também o carrinho motorizado, adquirido por meio do Projeto Catadoras e Catadores em Rede.

A coleta é feita com um trator da unidade e também com um trator da prefeitura, duas vezes por semana. São selecionadas cerca de 15 toneladas de material por mês, com uma perda de 30% – material que vem contaminado e não pode ser aproveitado, como uma parte do papel das escolas, por exemplo, que vem com resíduos de apontador e copos plásticos sujos de café –.

Depois da triagem, o material é enfardado e enviado para Santa Cruz do Sul, para que seja comercializado em rede. Segundo Luciano da Silva, coordenador da COOMCREAL, antes da formação da Rede Catapampa tudo era mais complicado, pois era necessário vender apenas para os atravessadores e, com isso, não havia dinheiro para cobrir todos os custos: "A comercialização em rede, diretamente para grandes compradores e indústrias, sem dúvida traz um retorno financeiro maior", comenta.

O dinheiro arrecadado é usado para as despesas da unidade e o saldo é dividido entre as cooperadas e os cooperados. Uma vez que a quantidade de material coletado não é tão grande como em outras cooperativas, a COOMCREAL conta também com o dinheiro arrecadado em um brechó, que existe há 10 anos. Além de roupas usadas, o brechó recebe roupas e calçados novos, doados por lojas. A comercialização dos itens é feita na praça central da cidade. Outra forma de arrecadação de recursos é a recuperação de móveis, feita no espaço do novo prédio. No mesmo endereço, foi criada a biblioteca solidária, que tem mais de 3 mil livros e recebe a visita de escolas.

"Somos agentes ambientais, além de gerarmos renda. Infelizmente, muitas prefeituras e municípios ainda não valorizam o nosso trabalho. Mas ver os resultados e receber o apoio de organizações da sociedade civil e de movimentos nos dá ânimo para continuar", ressalta Luciano.

A PNRS determina que a coleta seletiva seja feita prioritariamente por associações e cooperativas de catadoras e de catadores de materiais recicláveis

Rede Solidária Fronteira Oeste

Integrada por empreendimentos de catadoras e catadores dos municípios de Uruguaiana, São Francisco de Assis, Alegrete, Rosário do Sul, Manoel Viana, Santiago e Barra do Quaraí, a Rede Solidária da Fronteira Oeste está em processo de formação e estruturação. A distância entre os municípios e a distância dos grandes centros faz com que o seu desenvolvimento se torne mais complexo se comparado às outras já constituídas.

No entanto, a Rede Solidária já tem atuação visível, especialmente no que se refere à pressão política. A coordenadora da rede, Maria Tugira Cardoso, tem participado, junto com catadoras e catadores, de reuniões com o poder público municipal, representando as associações e cooperativas, no intuito de que haja a contratação dessas organizações por parte das prefeituras para a prestação dos serviços de coleta seletiva, no cumprimento da Lei no 12.305/10, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). A PNRS tem como grande inovação a determinação de que a coleta seletiva seja feita prioritariamente por associações e cooperativas de catadoras e de catadores de materiais recicláveis.

ACLAN

A Associação de Catadoras e de Catadores Amigos da Natureza (ACLAN), uma das integrantes da Rede Solidária Fronteira Oeste, está localizada na cidade de Uruguaiana, a 630 quilômetros de Porto Alegre. Foi fundada em 2009, mas desde 2002 começou a ser idealizada por catadoras e catadores que moravam no lixão da cidade e de lá retiravam o seu sustento. O diálogo incessante com a esfera pública e a busca por condições dignas de trabalho tornaram-se uma constante no cotidiano dessas pessoas.

ACLAN
PETROBRAS
MNCR

PETROBRAS

Muitas instâncias foram acionadas ao longo dos anos, assim como inúmeras catadoras e catadores morreram sem saber o que seria trabalhar fora do lixão. Somente em novembro de 2013, com a realização da audiência pública para tratar da situação das famílias catadoras e da gestão municipal de resíduos sólidos no município de Uruguaiana, é que começaram as mudanças mais significativas. A audiência contou com a presença da ACLAN, do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), da Fundação Luterana de Diaconia (FLD), do Ministério Público, da Prefeitura Municipal, da Câmara de Vereadores, da Assembleia Legislativa do RS e do Comitê Interministerial de Inclusão Social e Econômica de Catadores de Materiais Recicláveis (CIISC) do Governo Federal, além de catadoras e catadores de diversos municípios e outras organizações.

Dessa forma, novas tratativas com os governos, em todos os âmbitos, foram retomadas e, finalmente, no mês de setembro de 2014, depois de anos de trabalho no lixão, com recursos do Governo do Estado, por meio da Secretaria da Economia Solidária e Apoio à Micro e Pequena Empresa, iniciou-se a construção da central de triagem da ACLAN. Nesse ano, também a Prefeitura de Uruguaiana assinou o contrato para que catadoras e catadores da associação iniciassem o trabalho atendendo nove bairros do município com a Coleta Seletiva Solidária. O início foi difícil, pois o trabalho era feito sem nenhuma estrutura, a coleta era realizada com bags sendo arrastados rua afora.

Quando começaram a receber os valores referentes ao contrato, puderam adquirir os primeiros carrinhos. Paralelamente, a FLD, em conjunto com o MNCR, iniciou, por meio do Projeto Catadoras e Catadores em Rede, patrocinado pelo Programa Petrobras Socioambiental, um processo de formação para as catadoras e os catadores sobre a coleta e a destinação dos materiais, bem como sobre a organização administrativa e financeira desse empreendimento.

Atualmente, a ACLAN conta com 52 pessoas cooperadas. De acordo com Tugira, o empreendimento não apenas oportuniza renda para muitas famílias, mas é um local de inclusão social. Tem, em seu quadro de associadas e associados, ex-presidiários, que já cumpriram sua pena e tentam hoje se reintegrar à sociedade, ressocialização que nem todas as empresas possibilitam.

Para garantir o funcionamento de uma organização, Maria Tugira destaca a importância da autogestão e das relações de custo e benefício para reduzir gastos. A associação de Uruguaiana possui uma Kombi, que faz o transporte das associadas e dos associados. O gasto com transporte atualmente é inferior ao que era quando se utilizava o transporte alugado, porém também gera custos que necessitam do pagamento em dia para poder continuar.

As catadoras e os catadores da ACLAN, assim como das outras organizações da Fronteira Oeste, realizam a triagem, enfardam e vendem os materiais para os atravessadores. As associações e cooperativas da região ainda precisam de estrutura para processar e comercializar em conjunto e também para beneficiar o material, estruturando, assim, a Rede Solidária Fronteira Oeste.

De acordo com Tugira, os projetos impulsionam as organizações e transformam a realidade, mas cada um precisa se autogerir: "Enquanto o projeto estiver em andamento, já temos que pensar em como continuar sem ele", reflete a coordenadora da ACLAN.

ACRA

Outra integrante da Rede Solidária Fronteira Oeste é a Associação de Catadores Recicladores Assisenses (ACRA), de São Francisco de Assis, fundada em 2014. Sua estrutura é simples. O material é triado debaixo de taquareiras, é prensado e pesado em um pequeno galpão, onde estão a prensa, a balança – adquirida por meio do Projeto Catadoras e Catadores em Rede – e o elevador.

De acordo com o coordenador Adriano dos Santos Camargo, o empreendimento tem atualmente nove associadas e associados. O material ainda é vendido para atravessadores, enquanto as associadas e os associados aguardam a estruturação da rede para a comercialização coletiva e direta, o que irá aumentar o ganho de todas e todos e lhes dando maior autonomia.

Uma das associadas é Janete de Lima Cavalheiro, 46 anos. Ela já foi catadora em Alegrete, em Manoel Viana e, depois, em São Francisco de Assis. O terreno onde está sediada a ACRA é de Janete, que cedeu o espaço. A associação paga a luz

"SENHOR QUE QUERES QUE EU FAÇA
BEM VINDO A SÃO FRANCISCO DE ASSI
1884

e a água. Na opinião dela, com o Projeto Catadoras e Catadores em Rede, vieram muitas mudanças: "Eu trabalhava no lixão; aqui temos o galpão, temos horário de trabalho. Melhorou 100%!", comenta.

Como o município é pequeno e sem empresas e indústrias, a ACRA conta apenas com o apoio do comércio local. Outro problema, conforme Adriano, é a chamada "logística reversa", segundo a qual estabelecimentos pertencentes a grandes redes devolvem o material reciclado para distribuidores ou vendem para atravessadores, como fazem os supermercados.

Adriano acredita que, com a Rede Solidária Fronteira Oeste em pleno funcionamento, o cenário vai mudar para catadoras e catadores, pela maior inclusão socioeconômica do segmento. Outro destaque para Adriano é o reconhecimento que catadoras e catadores têm tido pela realização de um competente trabalho de educação ambiental junto a moradoras e moradores dos municípios.

História de Vida

Maria Tugira da Silva Cardoso, 56 anos, é uma grande motivadora, incentivadora e também a responsável pela mobilização e organização das catadoras e dos catadores da Rede Fronteira Oeste, que está em fase de organização.

Tugira nasceu em Rosário do Sul e mora em Uruguaiana há 32 anos. É viúva, mãe de sete filhos (três filhos e quatro filhas). O mais velho tem 35 anos e o mais novo vai fazer 20. Ela tem 22 netos e nunca deixou os filhos pararem de estudar. Dizia para todos buscarem outras formas de vida e sustento. Os dois mais velhos foram para o quartel e, com isso, saíram do lixão. Uma das filhas casou e foi para São Leopoldo. A filha mais nova casou com um funcionário da Marinha e mora atualmente em Rio Grande. Trabalham com Tugira na ACLAN duas filhas, um filho e um neto.

Seus primeiros empregos foram como empregada doméstica, mas deixou o trabalho por causa dos filhos. Depois, vendeu verduras e também trabalhou fazendo fretes. No entanto, a miséria era cada vez maior. O marido, que era muito dinâmico, viu na coleta de materiais recicláveis uma possibilidade mais promissora. As opções não eram muitas, no entanto: a família foi morar no lixão de Uruguaiana, onde ficou até o fim da década de 1990. Hoje, o lugar se chama Vila Nova Esperança: "Era um lugar onde vivíamos abaixo da linha da miséria. Era

um espaço de subsistência mesmo... Degradante...", desabafa Maria Tugira.

Em 2002, uma empresa pretendia montar uma usina de reciclagem no lixão. As pessoas ficaram otimistas, achando que iriam melhorar de vida. Porém, o objetivo da empresa era expulsar os moradores de lá. Como Tugira sempre leu muito, tanto livros, como a Constituição e tudo que caísse em sua mão, começou a pressionar a empresa, pedindo cópia de contratos e do estatuto, exigindo garantias para as catadoras e os catadores.

Também em 2002, foi criado o Centro Educacional e Ambiental Nova Esperança (CEANE). Através de um projeto coletivo, foi construída uma sede para a entidade, e Tugira começou a fazer parte do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR).

O marido de Tugira ficou gravemente doente em 2005 e passava mais tempo em Santa Maria, no hospital, do que em casa. Enquanto isso, ela não parava de articular. Acompanhava projetos, fazia reuniões no lixão e tinha uma agenda com cadastro de todas as companheiras e todos os companheiros de luta. Também começou a buscar recursos para as famílias mais necessitadas.

Em 2007, depois que ficou viúva, Tugira dedicou-se à organização e à mobilização para que todas e todos tivessem outra visão de mundo e outra perspectiva de vida. A ACLAN foi fundada em 2009, no lixão, no barraco de Tugira, com 65 associadas e associados.

Como para catadoras e catadores quanto mais tempo sem trabalhar, menos material é arrecadado, Tugira precisou criar algumas táticas para motivar a participação em reuniões e também para manter a mobilização. Com apoio da comunidade católica, passou a realizar reuniões com café ou almoço para manter todas e todos no local. Ela preparava a comida e levava tudo de carroça até a pastoral – que sempre foi muito parceira do MNCR e da ACLAN.

Hoje, Tugira atua na organização da Rede Solidária Fronteira Oeste e como representação da Nacional do MNCR tem uma agenda intensa de viagens, de participação em eventos de mobilização e de incidência. No entanto, continua divulgando o trabalho da ACLAN em escolas de educação infantil e empresas da cidade e da região, contando a sua história.

A rede permite conquistar a coleta seletiva, aumentar a renda e valorizar o trabalho de catadoras e catadores

Rede Catapoa

Abrangendo a região metropolitana de Porto Alegre e o Vale do Rio dos Sinos (RS), fazem parte da Rede Catapoa a Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis da Cavalhada (ASCAT) e a Cooperativa de Reciclagem de Resíduos Sólidos do Bairro Restinga (CooperTinga), ambos de Porto Alegre, e a Cooperativa de Trabalho dos Catadores (UNICICLAR) de São Leopoldo. Também integram essa rede, criada em junho de 2014, cooperativas e associações de reciclagem de bairros da capital.

Segundo Melânia Marli Menezes, da ASCAT, que divide a coordenação da rede com Pedro Cesar Dutra dos Santos, da UNICICLAR, e com Gerno Dias Prado, da CooperTinga, a Catapoa foi criada para que fosse possível conquistar a coleta seletiva. Com as vendas coletivas, catadoras e catadores têm sua renda aumentada e seu trabalho valorizado.

Um exemplo é a indicação para fazer o recolhimento de material no Estádio Beira Rio, em Porto Alegre, durante a Copa do Mundo de 2014. A equipe que recolhia os resíduos era composta de uma pessoa de cada cooperativa membro. O trabalho foi tão satisfatório que continuou sendo realizado no Estádio Beira Rio, depois que uma parceria para a coleta seletiva firmada com o Sport Clube Internacional.

No estádio, catadoras e catadores contam com uma unidade de triagem, na área externa. Uma equipe de 10 pessoas, formada por membros da ASCAT, da UNICICLAR, da Campo da Tuca e da Rubem Berta, faz a coleta durante a partida no dia em que ocorre o jogo e, nos dois dias posteriores, realiza a triagem. O material já sai selecionado do estádio e vai direto para a UNICICLAR, em São Leopoldo. Todo o dinheiro arrecadado com a venda desse material vai para um fundo da Rede Catapoa.

Coca-Cola Coca-Cola Coca-Cola

Nos planos futuros está a abertura de um escritório no centro de Porto Alegre, com o objetivo de centralizar os setores administrativo e financeiro da rede.

ASCAT

A Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis da Cavalhada (ASCAT), localizada em Porto Alegre, teve início com uma associação, em 1995, formada por catadoras e catadores removidos da Vila Cai Cai. Em 1997, dois anos depois da remoção das moradoras e dos moradores da vila, foi criado o galpão de reciclagem no bairro da Cavalhada, uma vez que os pontos de coleta do centro da cidade foram perdidos pela distância – a vila ficava cerca de 10 minutos do centro e, com a remoção, a distância ficou impossível de ser percorrida.

Atualmente, o material é coletado pela prefeitura e levado até o galpão, que foi cedido pelo município. A ASCAT é responsável pelos custos de água e energia elétrica e apenas renova o contrato com o Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) para o repasse de valores referentes à manutenção do imóvel.

A cooperativa conta com 33 cooperadas e cooperados. Dessas, 27 trabalham no galpão, enquanto o restante está afastado por algum problema de saúde ou aguardando aposentadoria. De acordo com Pâmela Simone Menezes, coordenadora geral da cooperativa, os benefícios são possíveis devido ao recolhimento da alíquota do INSS.

UNICICLAR

A Cooperativa de Trabalho dos Catadores (UNICICLAR), localizada em São Leopoldo, teve início há quase duas décadas. A associação foi oficializada há 12 anos e passou por uma reestruturação no ano de 2008. Depois de alguns problemas administrativos, as associadas e os associados criaram uma diretoria provisória, que assumiu a coordenação da associação até a eleição que estava prevista para 2009.

De acordo com o coordenador-geral do empreendimento, Pedro Cesar Dutra dos Santos, o terreno e o prédio são da cooperativa. A área foi doada com escritura

pela Prefeitura de São Leopoldo, e o galpão foi construído em 2005, com verba recebida do Orçamento Participativo do Estado. Como todas as cooperadas e todos os cooperados moram perto do galpão, a cooperativa não gasta com transporte e fornece café da manhã e café da tarde.

Na história da UNICICLAR, o fogo se fez muito presente. Foram três incêndios no galpão, todos eles em 2011. Em abril, aconteceu o primeiro, na área externa. Dois meses depois, o segundo incidente, dentro do galpão. Nos dois episódios, o fogo foi controlado, e os danos foram poucos. O maior deles aconteceu em agosto daquele ano, quando se perdeu tudo (prensa, carrinhos, balança e computadores).

O incêndio aconteceu em um sábado. No domingo, as cooperadas e os cooperados já queriam retornar ao trabalho. Na segunda-feira, fizeram a limpeza do local e realizaram uma "vaquinha" para a compra de novos bags. Na terça-feira, estavam trabalhando novamente e recomeçaram do zero. Reconstruíram o escritório, a cozinha e, em quatro meses, estavam adquirindo novos equipamentos.

A UNICICLAR conta hoje com cerca de 40 cooperadas e cooperados que dividem o valor arrecadado com a comercialização do material recebido e triado. O pagamento é feito quinzenalmente. Em uma semana, pagam-se as contas da cooperativa e, na semana seguinte, trabalha-se para pagar as cooperadas e os cooperados.

"Depois da aproximação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Reciclados e a participação da Fundação Luterana de Diaconia, houve maior integração e organização. Os membros da cooperativa têm maior entendimento do trabalho, da seleção de materiais e também da divisão. Essa união trouxe valorização para a categoria e aumento dos ganhos", comenta Fábio Rodrigo Garcia de Limas, graduado em Administração e Psicologia, que acompanha o trabalho da cooperativa há muitos anos. "A participação da FLD dá maior visibilidade à cooperativa. As empresas veem essa ligação e entram em contato para buscar informações sobre possíveis contratos de coleta seletiva".

Se você não pode ajudar,
atrapalhe, porque o
importante é participar

ATENÇÃO

História de Vida

É impossível falar da ASCAT e da Rede Catapoa, sem falar em Eva Eleci Saraiva Andrades, de 87 anos, a "Dona Eva". Ela brinca dizendo que essa é sua idade de verdade, já que nos documentos tem alguns anos a menos.

Eva, que é natural de Camaquã, com dois anos de idade foi para São Jerônimo, começou a trabalhar como doméstica e conheceu o marido. Quando estava grávida de seu primeiro filho, foi com o marido para a cidade de Eldorado do Sul, onde moraram por cinco anos. O próximo destino da família foi o município de Guaíba e, pouco tempo depois, Porto Alegre, mais precisamente no bairro Restinga.

Eva e o marido trabalhavam em uma fazenda, até que o dono da propriedade sofreu um acidente e a fazenda foi alugada. Nessa época, a família inteira mudou-se para a Vila Cai Cai, fazendo parte do grupo de fundadores da comunidade. Foi quando Eva começou a trabalhar com a reciclagem.

"Nós não tínhamos serviço e começamos a trabalhar com um vizinho, que já vivia da reciclagem. Meu marido era carroceiro e também limpava pátios. Já eu e as gurias começamos a puxar carrinhos", conta.

A família morou na Vila Cai Cai por 20 anos, trabalhando com a reciclagem, até que veio a desocupação, por ser uma área de risco. Todas as moradoras e todos os mo-

radores da vila foram levados para o bairro Cavalhada, onde hoje funciona a ASCAT.

Quando chegaram ao bairro, a filha de Eva, Celoi Andrades, começou a lutar junto à prefeitura por um espaço e também por estrutura para poderem trabalhar. Depois de dois anos de espera, finalmente, o galpão foi cedido e, então, a associação foi criada.

Atualmente, Eva mora com a filha e com os netos, há poucas quadras da cooperativa. Assim, vai e volta a pé. Passa o dia no galpão, pois, mesmo a distância sendo curta, sofre de bronquite e tem problemas cardíacos. Ela lembra que a mãe morreu de ataque cardíaco, aos 95 anos.

Dona Eva mantém-se forte ao falar de suas perdas. Ela teve 16 filhos biológicos e 12 adotivos. Vários dos filhos biológicos morreram ainda na infância. O marido faleceu há 20 anos, depois de um AVC e de ficar algum tempo no hospital. Durante esse período, ela cuidava do marido, dos filhos e ainda trabalhava como catadora.

Quanto aos netos e bisnetos, diz que contou até 44 e parou de contar. Revela que, depois disso, vieram pelo menos mais 10. E ainda ri, ao dizer que nessa contagem não estão os netos dos filhos adotivos. Mesmo sem saber o número exato, ela é muito apegada aos netos e diz que uma mãe nunca deixa de ser mãe, por isso cuida daqueles que estão por perto.

"Não ganhamos muito, mas sabendo administrar; dá para sustentar os filhos e os netos. Além disso, agora ninguém mais me dá serviço com essa idade. Quando começamos, em 1995, a associação contava com 35 membros. Muitos que entraram comigo saíram; outros, que entraram depois, saíram também, e eu fui ficando. Deus quer que eu esteja aqui, então, estou aqui. Só queria ter a saúde que eu tinha antes", comenta sorridente Eva.

Aposentada por idade, Eva trabalha no galpão há 21 anos. De acordo com ela, antes, quando precisava puxar um carrinho, era mais difícil; agora, tudo está bem melhor, porque tem horário fixo de trabalho e benefícios.

"Me sinto orgulhosa! Foi daqui que tirei meu sustento. Limpamos a cidade e cuidamos do meio ambiente. Se não fossemos nós, o que seria desse lixo dentro da cidade? Podemos não ser reconhecidas e reconhecidos pela sociedade, mas somos muito importantes".

A atuação em rede fortalece a categoria de trabalhadoras e trabalhadores que transformam materiais recicláveis em renda

Rede Coleta Solidária

A atuação em rede garante uma força maior de pressão para criação e a implementação de políticas públicas, como por exemplo, a adoção da coleta seletiva solidária por parte de municípios, pois quem faz a negociação com a prefeitura são as e os representantes da rede e não somente das cooperativas e das associações.

No que diz respeito ao trabalho e à comercialização, a atuação em rede permite a eliminação de atravessadores na negociação do material reciclável, fortalecendo econômica, social e politicamente a categoria de trabalhadoras e trabalhadores que transformam materiais recicláveis em renda.

Foi esse desejo de agregar valor ao material vendido, aumentando os ganhos de cooperadas e cooperados, assim como os rendimentos de outras associações e cooperativas da região, que levou à formação da Rede Coleta Solidária, em 2014. Abrangendo o Vale do Gravataí e o Vale do Rio dos Sinos, a rede é formada pela Cooperativa de Trabalhadores, Carroceiros e Catadores de Materiais Recicláveis, Industrialização e Comercialização (COOTRACAR), de Gravataí, Cooperativa Popular de Reciclagem Reciclando Vida Unidos Venceremos (COOPREVIVE), de Sapucaia do Sul, e a Unidade de Triagem Estalagem Cooperativa Viamonense de Catadores e Recicladores (COOVIR), de Viamão.

De acordo com a catadora mobilizadora, Ivanir Alves dos Santos, outra vantagem da atuação em rede é a troca de experiências. Atualmente, um grupo da COOTRACAR trabalha com cooperadas e cooperados da COOPREVIVE, repassando a experiência de gestão. A formação busca fortalecer a cooperativa parceira, contratada pela Prefeitura de Sapucaia do Sul para realizar a Coleta Seletiva Solidária no município.

Catadores
Catadores
de REDE

COOTRACAR

A história da cooperativa de Gravataí começa no final dos anos 1990, com a Associação de Trabalhadores em Ofícios Vários, Carroceiros e Catadores de Materiais Recicláveis de Gravataí (ATRACAR). A COOTRACAR foi criada cerca de uma década depois, a fim de possibilitar a contratação dos serviços e a comercialização de materiais.

Desde 2010, a COOTRACAR realiza a Coleta Seletiva Solidária, com inclusão de catadoras e catadores, mediante um termo de cooperação firmado com a Prefeitura de Gravataí no final de 2009. De acordo com o coordenador, Gilmar da Silva, a cooperativa tem a concessão de uso por 20 anos de um terreno ao lado do Aterro Sanitário Santa Tecla, onde funcionava o antigo lixão da cidade, com cerca de dois hectares. Na área, existem quatro galpões. Nos dois maiores e mais antigos, estão o depósito, a administração, o refeitório, o vestiário e também a triagem. No galpão menor, está localizada a prensa, com capacidade para 150 toneladas diárias de material reciclável.

Diariamente, chegam quatro caminhões com material reciclável na cooperativa, que conta também com um entreposto próximo ao centro da cidade, onde catadoras e catadores depositam e selecionam o material recolhido nos bairros centrais de Gravataí. Algumas empresas da região também fazem a sua parte, destinando todo o material reciclável ao empreendimento.

A COOTRACAR tem hoje 55 cooperadas e cooperados, 38 mulheres e 17 homens. O salário é correspondente à produção. Depois que se atinge a meta de produção, o saldo é dividido. Trabalhadoras e trabalhadores da cooperativa contam com descanso remunerado nos fins de semana, recolhimento da alíquota de INSS, férias, café da manhã e café da tarde.

COOVIR

A coleta seletiva na cidade de Viamão é da COOVIR, criada em 2013. Ela nasceu da Associação de Recicladores de Viamão (ARV), que, em 2008, passou a integrar o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). No período entre 2008 e 2013, um grupo de autogestão da associação passou a

fazer parte do Conselho Viamonense de Meio Ambiente (COVIMA) e também fez denúncias ao Ministério Público e a rádios sobre empresas de Porto Alegre que realizavam descartes irregulares em diferentes áreas do município.

Com a regulamentação da Lei de Limpeza Urbana, nº 11.455 de 2007, catadoras e catadores passaram a buscar seus direitos e a pressionar a administração municipal, a fim de priorizar sua contratação para a realização da limpeza pública. O atual coordenador da COOVIR, Joaquim Malquíades Amorim dos Reis, elegeu-se presidente do Conselho Municipal de Meio Ambiente e conseguiu uma cadeira para as catadoras e os catadores. Assim, começou a luta pela valorização das trabalhadoras e dos trabalhadores de reciclagem para que fosse revista a situação dos galpões. A COOVIR foi criada e, com apoio da Rede Coleta Solidária, apresentou uma proposta para a implantação da Coleta Seletiva Solidária, conquistando o contrato com a prefeitura para a realização da limpeza urbana.

A cooperativa conta com 26 cooperadas e cooperados e quatro funcionárias e funcionários contratados com carteira assinada, entre os quais há um chefe de cozinha, responsável pela preparação do café da manhã e do almoço que são servidos diariamente no refeitório. Assim, como nas demais cooperativas da rede, as cooperadas e os cooperados contam com descanso remunerado nos fins de semana, recolhimento da alíquota de INSS e férias.

Atualmente, a cooperativa comercializa 48 toneladas de material por mês. O papelão é enviado para Gravataí e é comercializado em rede. O mesmo será feito com o plástico. A COOVIR conta também com o setor de desmanche de eletrônicos e com o recolhimento de isopor e óleo de cozinha. Segundo Joaquim, quanto menos resíduos no aterro sanitário e mais vendas, melhor para as cooperadas e os cooperados e melhor também para o meio ambiente.

ATENÇÃO
OBRIGATÓRIO
USO DE EPI'S

História de Vida

A história da Rede Coleta Solidária e da COOTRACAR de Gravataí se misturam com a história de Carlos Alberto Santos Jorge, 29 anos, o "Carlinhos". Desde os oito anos de idade, ele tem ligação com catadoras, catadores e com a reciclagem. Em 1996, começou a participar das atividades comunitárias. Em 2003, ingressou no Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR).

Carlinhos fez curso de padaria e confeitaria e também iniciou um curso técnico de eletrônica, que não concluiu para intensificar seu trabalho com recicladoras e recicladores, por desejar conquistas e melhorias para toda a categoria. Depois de ouvir as discussões sobre os projetos de inserção social e valorização das catadoras e dos catadores, atuou algum tempo em outras associações e cooperativas, antes de chegar à COOTRACAR, em Santa Tecla, bairro de Gravataí.

Quando conheceu o local, em 2002, a estrutura era menor e a cooperativa era ainda uma associação, havendo apenas dois galpões na área. Dois anos depois, Carlinhos se dedicou ao entreposto, na Vila da Paz, em Cachoeirinha, para fortalecer a unidade focando sempre no reconhecimento da categoria e na valorização dos profissionais da reciclagem. Lá o material era separado e enviado para a triagem na Santa Tecla. O entreposto contava na época com 40 catadoras e catadores.

Carlos chegou a organizar uma campanha porta a porta para informar e conscientizar a população sobre a coleta seletiva e a separação de alguns materiais.

Com a criação da COOTRACAR, no ano de 2009, o jovem passou a contribuir na organização dos roteiros de coleta. Hoje, é responsável por todos os roteiros e também pelo contato entre a cooperativa e secretarias municipais.

A história de Carlos é marcada pela luta em prol do bem comum, por conquistas, vitórias e também por perdas. Ele foi casado por cinco anos e morava em Cachoeirinha, com a esposa e com a enteada de 13 anos e o enteado de nove anos. Retornou para Gravataí depois que a esposa faleceu em 2015, devido a um infarto aos 34 anos. A enteada foi morar com o pai, e o menino, com a avó.

Hoje Carlinhos mora no alojamento na comunidade autônoma Orquídea Libertária, um projeto de moradia popular para 50 famílias, que está em fase de implantação. Na comunidade, estão previstos um biodigestor e uma área comunitária (padaria, serigrafia, lavanderia). De acordo com ele, o nome da comunidade, "Orquídea Libertária", é em homenagem à amiga Tatiana Almeida, militante do MNCR e engajada na Marcha das Mulheres. Tatiana foi morta pelo marido, em 2008, deixando quatro filhos.

Os pais e a irmã de Carlos moram em Gravataí e o jovem poderia seguir outros caminhos, longe da reciclagem. Porém, de acordo com ele, não abandona as catadoras e os catadores pela importância da definição de classes e por lutar por algo melhor para todas e todos, que só será possível com a conquista de seus direitos e valorização da categoria.

Realização:

Patrocínio: